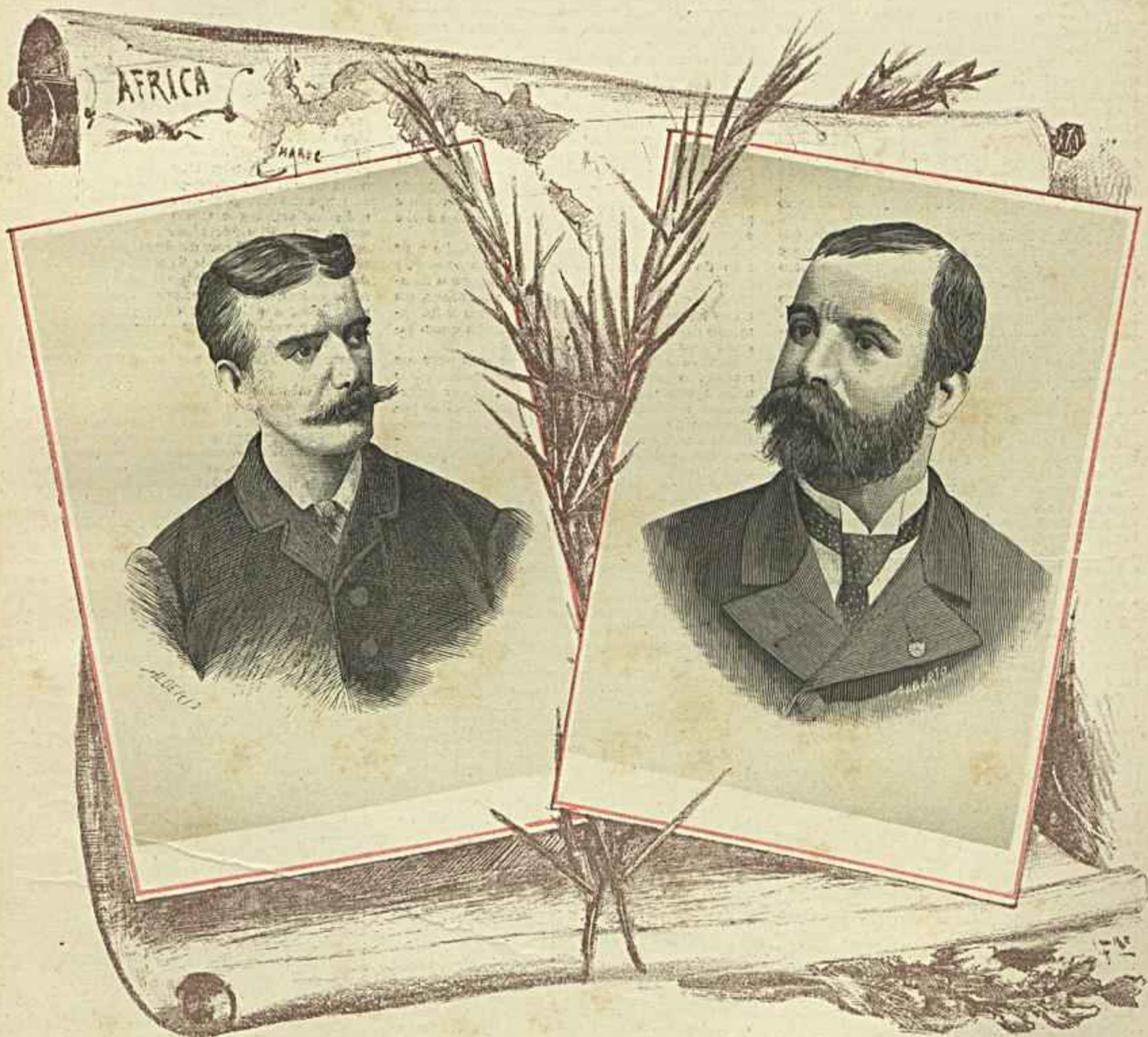


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura                | Anno<br>36 n.ºs | Semest.<br>18 n.ºs | Trim.<br>9 n.ºs | N.º<br>a<br>entrega | 13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 410<br><br>11 DE MAIO DE 1890 | REDACÇÃO—ATELIER DE GRAYURA—ADMINISTRAÇÃO  |
|--------------------------------------|-----------------|--------------------|-----------------|---------------------|---|--|
| Portugal (franco de porte. m. forte) | 3\$800          | 1\$900             | 6950            | \$120               |   |  |
| Possessões ultramarinas (idem)       | 4\$000          | 2\$000             | —               | —                   |   | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva. |
| Extrang. (união geral dos correios)  | 5\$000          | 2\$500             | —               | —                   |   |  |



ANTONIO MARIA CARDOSO

JOAQUIM CARLOS PAIVA DE ANDRADA

(Segundo photographias)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Hesitei muito antes de escrever esta chronica porque ella obriga-me a uma coisa a que eu de-sejo sempre muito furtar-me — a fallar de mim.

Não conheço nada mais impertinente e de mais mau gosto do que estar a fallar de trabalhos proprios, embora se amenisem com toda a *mise en-scene* da modestia os arrobos de vaidade pessoal, mas apezar d'isso, n'estes dez dias decorridos os acontecimentos arranjaram-se de tal maneira, que seria um erro de officio, um crime de lesa-chronica, levar os meus escrupulos pessoas a deixar de registar um acontecimento, que em si nada vale, mas que, como precedente, como exemplo aberto, tem um grande valor e uma alta importancia no mundo theatral, e deve fatalmente ter uma grande influencia benefica no nosso futuro movimento dramatico.

Trata-se da recita que o empresario do theatro do Gymnasio offereceu ao auctor da comedia original que, obtendo da parte do publico um acolhimento excepcionalmente lisonjeiro, fez com que o theatro fechasse a sua epocha com um grande successo de dinheiro.

Ora dá-se o caso de ser eu o auctor d'esse original, e estive muito tempo discutindo comigo proprio se esta circumstancia me devia ou não inibir de fallar n'essa recita de homenagem, que, dada n'um theatro de exploração particular, tem um caracter perfeitamente novo e representa uma grande e salutar innovação nos nossos costumes theatraes.

Depois de pensar um bocado no assumpto, entendi que o facto de a peça ser minha, não me devia inibir de registar e commentar esse facto novo e que tem já uma notavel significação na nossa terra e que deve ter uma poderosa influencia no nosso meio theatral, entendi mesmo que não tinha o direito, de, a pretexto de mal cabida modestia, deixar na sombra esse facto importante, de me calar em frente d'um acto espontaneo e voluntario d'uma bizarra empreza particular, que é um incentivo importantissimo ao trabalho nacional e que não pode deixar entre nós de produzir os mais salutareos resultados.

Foi isto que eu entendi e se entendi mal os meus leitores que m'o perdoem...

Vamos á historia.  
Em dezembro do anno passado, conversando com o Valle, o grande actor comico da actualidade a quem a Musa alegre da comedia deve em Portugal muitas das suas mais brilhantes creações e a quem eu devo o desempenho magistral do protagonista da *Sua Excellencia, das Medicas, do Seguro de vida*, sem contar o de um grande numero de comedias francezas e hespanholas, que tenho traduzido ou imitado para o Gymnasio, conversando com o Valle uma tarde ao sahir do ensaio, disse-lhe que estava pensando n'uma peça para o Gymnasio, peça original cujo protagonista seria um commissario de policia.

Contei-lhe por alto o que eu tambem então só por alto ainda tinha pensado fazer da peça, e apartamo-nos ficando entendido que Valle faria o papel de commissario.

Mas n'este entendido houve um mal entendido. O Valle entendeu que eu ia fazer a peça para o beneficio d'elle; eu não entendi nada d'isso, e não fiz nem uma linha da comedia.

Imaginem qual o meu espanto quando d'ali a semanas me disseram que o Valle estava muito maguado comigo, por eu ter dito a alguem, que me perguntava quaes os actores do Gymnasio que ainda não tinham peça para o beneficio, que o Valle era um d'esses.

Muito amigo do Valle, tendo por elle pessoalmente tanta estima quanta consideração tenho pelo seu brilhante talento d'actor, fui logo procural-o e pôr a questão em pratos limpos.

Conversámos; desfizemos o equivoco, mas d'essa conferencia sahi então verdadeiramente compromettido a fazer-lhe a peça para o beneficio, peça para entrar em ensaios logo depois do carnaval.

Tinha entre mãos uns trabalhos que não podiam esperar e que estava a concluir, e resolvi só depois d'elles concluidos tratar da peça original. Os trabalhos porém deitaram a muito mais tarde do que eu calculára e exactamente quando eu ia a principiar a trabalhar no *Commissario de Policia*, mette-se a doença e a morte de Francisco

Palha, doença e morte que me produziram fundo abalo, mette-se a catastrophe do pobre Julio Cesar Machado, mette-se n'esse mesmo dia a questão ingleza e a excitação por ella produzida em Lisboa, e é claro que não era essa a epocha azada, com o espirito cheio de mil preocupações varias, de começar tranquillamente a fazer uma peça, e uma peça para rir, que requer acima de tudo o espirito perfeitamente desanuviado, bom humor e muito bom humor.

Esperei que essa trabuzana passasse, e enquanto esperava, o tempo ia passando e uma noite no Gymnasio o Valle disse-me que o beneficio do Eloy era d'ali a oito dias, e que portanto d'ali a oito dias se devia começar a ensaiar a minha peça. E eu não tinha d'ella nem uma linha sequer, e a peça devia ter quatro actos.

Nem ao menos tinha o *canevas* pensado. Tinha apenas os personagens principaes imaginados e uma ou duas situações.

Mettido entre a espada e a parede, disse franca e sinceramente ao Valle o que lhe podia dizer:— que tinha toda a tenção e todo o desejo de lhe fazer a peça, mas que não me podia comprometter a dar-lhe d'ali a oito dias nem a peça toda, nem um acto sequer, porque a rapidez n'um trabalho original não dependia da minha vontade, mas apenas da disposição de espirito em que me encontrasse quando me sentasse á meza a trabalhar.

E prevendo a hypothese de dentro do praso marcado, não me sahir nada com jeito de trabalho original, perguntei-lhe se no caso de não ter a minha peça, elle já pensára em qualquer outra peça para fazer beneficio.

O Valle tomou esta minha pergunta por uma declaração de que não lhe fazia o original e ficou muito desconsolado com isso.

Quando soube d'esse desconsolo, que era muito lisonjeiro para mim, fiquei muito contrariado e prometti a mim proprio não lhe dar motivo a elle e lancei-me ao trabalho.

No fim do praso marcado tinha o Valle o 1.º acto do *Commissario de Policia* para ensaiar, e os actos seguintes fui-os mandando para o theatro ás scenas, á medida que os ia escrevendo, em meias folhas de papel, escriptas só d'um lado, para não demorar a voltar a pagina, como quem escreve para a imprensa.

Não se calcula os terrores que essa peça me metteu, o medo que tinha d'ella, os receios que tinha ácerca do seu exito, tanto mais que escrevendo-a assim, sem a poder reler sequer, não podera ouvir a seu respeito a opinião segura, auctorisada e que eu sei sempre profundamente sincera, d'um ou dois amigos a quem costume sempre consultar.

Os actores do Gymnasio, todos elles á uma, augmentaram ainda mais os meus terrores com o acolhimento festivo que nos ensaios fizeram a essa peça.

Corre no theatro a tradição de que peça que agrada muito nos ensaios, cae na noite da recita e vice-versa. E eu tinha no meu passado muitos exemplos a corroborar esta tradição. Nunca peça arranjada por mim teve na prova e nos ensaios o successo que teve no theatro da Avenida *Ovelho rico de Celorico* e cahiu desastrosamente. A segunda mocidade de Mario Uichard enthusiasma-va todos os actores do Gymnasio nos ensaios, e na primeira noite foi pelo buraco do ponto abaixo.

Em compensação, a *Voç do Sangue* era considerada nos ensaios uma peça para tres noites e teve um exito enorme: a *Sua Excellencia* imaginava-se uma queda ruidosa e deu mais de sessenta representações, e todos estes exemplos me fervilhavam no espirito e me augmentavam os receios do exito do *Commissario de Policia*, de que todos os artistas do Gymnasio gostavam tanto nos ensaios.

Veio a primeira recita e felizmente a tradição quebrou-se e o publico e a critica, d'uma benevolencia amabilissima para mim, deu plena razão aos actores do Gymnasio, confirmou, muito além do que eu me atrevia a esperar, a opinião que elles tinham da peça.

O *Commissario de Policia*, mercê do excellente desempenho que lhe deram todos os artistas desde os encarregados dos primeiros papeis até áquelles que tinham a seu cargo os papeis mais insignificantes, mercê do cuidado primoroso com que foi ensaiado por Leopoldo de Carvalho, mercê da boa vontade enorme com que todos trabalharam na peça, pondo muitos de parte melindres de categoria artistica, como os actores Eloy, Telmo, Cardoso e Ferreira, e as actrizes Judith, Juliana, Adelina, aceitando papeis muito inferiores aos seus meritos artisticos, o *Commissario de Policia*, mercê d'essa dedicação com que todos trabalharam, dedicação que deve servir de exemplo,

e que me encheu de reconhecimento e de gratidão para com todos aquelles excellentes artistas, que foram para mim uns collaboradores intelligentissimos e devotadissimos, e mercê da benevolencia sympathica do publico *pelos trabalhos originaes* triumphou em toda a linha e fez d'esta peça original o maior successo do Gymnasio em toda a epocha, como o *D. Affonso VI original*, e a *D. Leonor Telles*, original tinham sido no theatro de D. Maria os grandes exitos de applauso e de dinheiro da epocha actual.

E este facto é altamente e consoladoramente significativo.

Este successo de peças originaes portuguezas no nosso theatro, supplantando o successo das peças mais afamadas de Paris, pois D. Maria deu este anno *A belle manan* de Sardou, um dos grandes successos de Paris, e o Gymnasio, o *Cochin de Printemps*, *Les Femmes collantes*, *Une Perle* e *Doit-on le dire*, os exitos mais collossaes dos theatros parisienses n'estes ultimos annos, demonstra claramente que a nossa litteratura dramatica e o publico dos nossos theatros entraram n'uma phase completamente nova.

Ha muito pouco tempo ainda as emprezas fugiam das peças originaes, porque o publico não concorria a ellas, e lançavam-se exclusivamente no repertorio francez.

Hoje essas emprezas veem com factos incontestaveis com exemplos frisantes, que as peças originaes dão-lhe muito mais successo e muito mais dinheiro que as traducções, que o publico que se conserva indifferente ás peças estrangeiras que lhe apresentam personagens que elle não conhece, que se passam n'um meio que o não interessa, corre a encher os theatros quando elles lhes dão peças portuguezas, com personagens portuguezes, pasadas no nosso meio, na nossa terra, entre a nossa gente, peças que por isso mesmo tem um desempenho muito mais completo por parte de todos os artistas, e tem o condão de interessar muito mais os espectadores, e evidentemente as emprezas não de procurar d'hoje para o futuro os originaes de preferencia ás traducções, e em vez de fecharem as suas portas ás peças portuguezas as emprezas não de ser as primeiras a procural-as a pedil-as, a animal-as, augmentando expontaneamente, voluntariamente a remuneração d'ellas.

Foi isso que fez com o *Commissario de Policia* o intelligente e habil empresario do Gymnasio offerecendo o producto da 20.ª recita da peça ao auctor. Abriu nos fastos do nosso theatro um exemplo, um precedente, perfeitamente patrioticos, que hade ser seguido e que hade dar um poderoso impulso ao movimento tão definitivamente accentuado da litteratura theatral portugueza.

A empreza do theatro de D. Maria quando correu a adjudicação do theatro, offereceu como incentivo á produção dramatica original, dar aos auctores a 15.ª recita das peças, que attingissem esse numero de representações.

Esse incentivo é muito mais razoavel e justo que o premio em concurso de peças. É claro que uma peça que dá 15 representações teve um successo, attentas as condições dos nossos theatros onde as peças, mesmo as de exito excepcional, tem um limitadissimo numero de recitas, comparadas com as centenas de representações que dão as peças de agrado nos theatros de Paris, e portanto o auctor que tem esse successo, que dá esse lucro ao theatro, tem além dos direitos de auctor — direitos que em D. Maria são muito razoaveis — apesar de não se poderem comparar com os direitos d'auctor dos theatros de Hespanha e de França — o producto liquido da 15.ª noite a computal-o do successo que deu ao theatro.

No theatro de D. Maria este uso é lei, mas nos outros theatros nada ha de estabelecido a tal respeito, e o empresario do Gymnasio vindo expontaneamente adoptar este uso no seu theatro, prestou um relevantissimo serviço á litteratura dramatica portugueza, deu um exemplo brilhante que será seguido e que nós consignamos aqui como todo o elogio que elle merece.

E consignamol-o como chronista e não como auctor do *Commissario de Policia*, pois que como auctor da peça não tinha direito para elogiar ninguém, mas tinha o dever gratissimo de agradecer a Pinto, a todos os excellentes artistas do Gymnasio, ao publico, e a todos os meus amigos, as finezas enormes, as surpresas encantadoras que me encheram n'essa noite, que elles e só elles transformaram d'uma modestissima recita n'uma brilhantissima festa.

E com certeza esta parte festiva d'essas recitas dos auctores é muito mais ainda que o interessante material que ellas representam, um grande e breve estimulo, uma grande e consoladora recordação.

Gervasio Lobato.

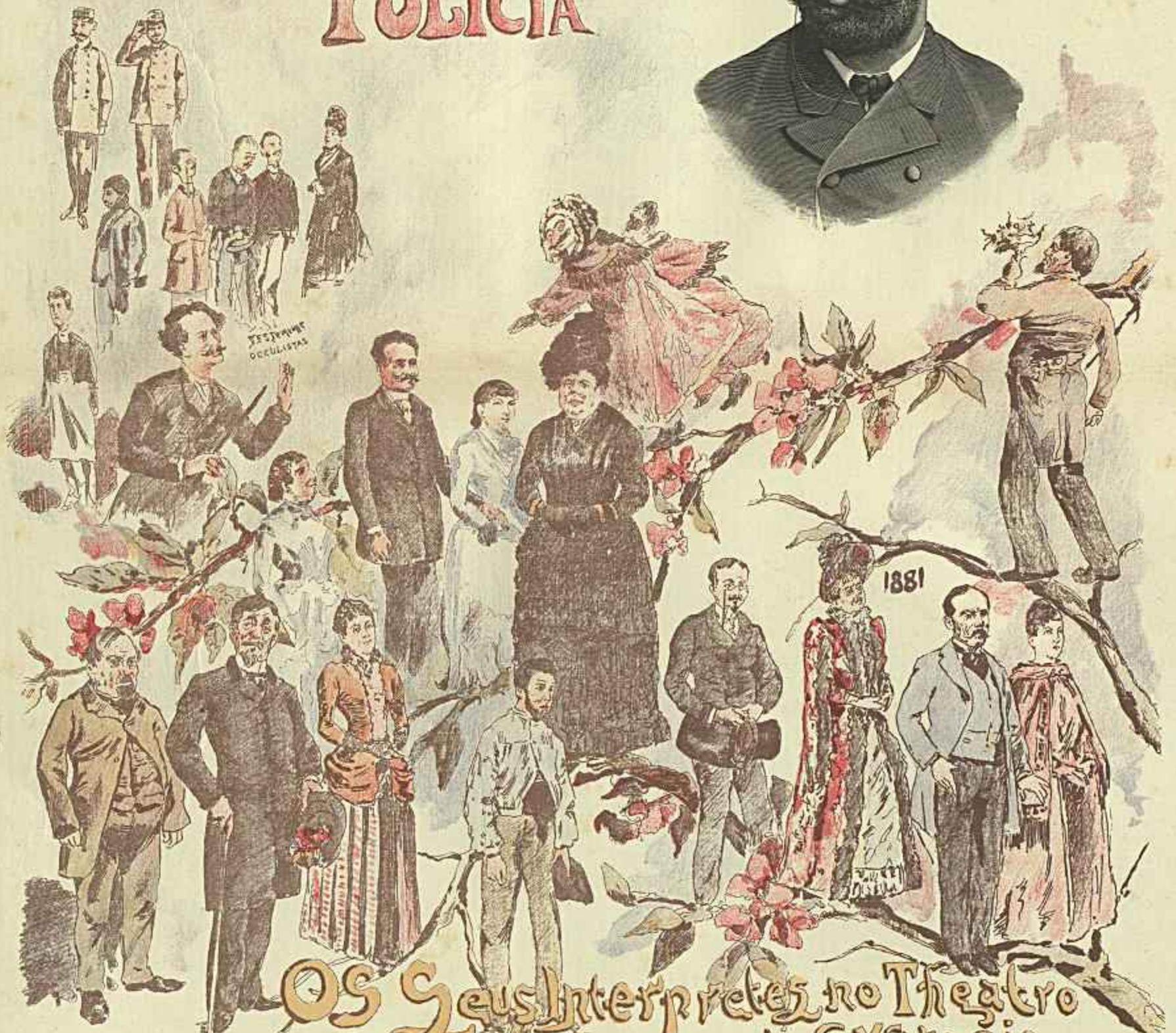


THEATRO DO GYMNASIO

# GERVASIO LOBATO

AUCTOR da COMEDIA

## O COMMISSARIO de POLICIA



OS Seus Interpretes no Theatro do GYMNASIO offerem na noite de 2 de Maio de 1890

REPRODUCCAO DO QUADRO OFFERECIDO A GERVASIO LOBATO PELOS ARTISTAS DO THEATRO DO GYMNASIO,

COMPOSICAO E AGUARELLA DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

tica se occupou d'esta concessão, estragando os bons resultados que d'ella poderiam advir.

Todos os esforços do illustre africanista se perderam perante o retrahimento dos capitães portuguezes e as difficuldades que a politica lhes levantou.

Apesar de tantas contrariedades aos seus arrojados planos, os governos tem-n'o encontrado sempre prompto a prestar-lhe os seus serviços em Africa.

Em 1854 accceitou a direcção da arriscada expedição a Manica.

Depois voltou á Africa encarregado pelo governo de tratar da vassalagem do paiz de Gaza e anular o predomínio dos Bongas. N'esta viagem foi tambem encarregado pela Companhia de Ophir, de resolver as difficuldades que se oppunham á exploração das minas.

Em 1888 partiu novamente para Africa em companhia de Cardozo, sendo encarregado pelo governo, da organização da exploração mineira na região do Zambeze, viagem de que voltou agora.

#### QUADRO OFFERECIDO PELOS ARTISTAS DO THEATRO DO GYMNASIO A GERVASIO LOBATO

A estampa que occupa as paginas do centro d'este numero, é uma reproducção do quadro que os artistas do theatro do Gymnasio, interpretes da comedia *O Commissario de Policia*, offereceram ao auctor, sr. Gervasio Lobato, na noite da recita que lhe foi dedicada.

O quadro é uma graciosa aguarella de Bordallo Pinheiro, em que este artista desenhou todos os typos que entram no *Commissario de Policia* e o retrato de Gervasio Lobato.

É uma obra d'arte de alto valor pela verdade com que estão desenhados aquelles typos, e pela graça e originalidade com que está composto o desenho, como todas as obras que Bordallo Pinheiro illumina com o seu prodigioso talento.

Da festa de que este quadro fez parte, encontram os leitores noticia em outro logar do Occidente.

#### LAMPARINA DA CASTANHA DA INDIA

Uma nova applicação acaba de ser dada á castanha da India, e que sem duvida é uma das mais uteis que ella pode ter, a de servir de lamparina, extremamente commoda e acieada, sem cheiro nem perigo de se incendiar.

O modo de aproveitar a castanha para este fim é o seguinte.

Tomai uma castanha da India e fazei-lhe alguns furos com uma agulha de coser, depois mergulhai-a em azeite durante umas doze horas.

A castanha absorverá uma certa porção d'este oleo. Fazei então um furo na castanha, mas que a não atravesse, e mettei n'elle uma pequena mecha ou torcida de algodão.

Preparada assim a castanha nada mais é preciso que fazel-a boiar em um copo com agua, como a gravura representa, e acender a torcida. Tereis assim uma lamparina que durará acesa 12 horas ou mais.

#### EXPOSIÇÃO D'ARTE NO PORTO

Os promotores da exposição artistica que annualmente se realisa no salão do Atheneu Commercial do Porto, devem decerto dar-se os parabens pelo exito feliz do certamen d'este anno, no que diz respeito á venda de quadros, visto terem sido adquiridos uns quarenta, isto é, cerca de metade dos que se exhibiram.

Isto em uma terra em que, ainda ha poucos annos, apenas dois ou tres amadores se abalanchavam á acquisição de alguma obra de arte, é sem duvida promettedor.

É verdade que por enquanto os compradores se intimidam perante os quadros que excedam o palmo e meio regulamentar e sobre tudo diante dos preços que vão muito além dos 50.000 ou 60.000 réis, mas como diz o ditado, «não se vae a Roma em um dia», e a questão toda é inveterar no publico o gosto pelas bellas artes, porque estabelecido elle, a questão de preço deixará de ser uma difficuldade para a venda.

Como consequencia natural do bom acolhimento que estas exposições tem tido, os nossos artistas vão tambem aperfeiçoando os seus processos de factura e conseguindo uma visão mais clara e mais justa da natureza.

Esses progressos fizeram-se notar incontestavelmente no certamen que acaba de encerrar-se. Os novos demonstram trabalhar com certo ar-

dor e essa boa vontade vae-lhes coroando as aspirações.

Um dos mais bellos quadros, por exemplo, que appareceu na exposição d'este anno, foi o «Retrato da Ti'Anna», de Julio Costa.

No meio de um aposento lobrego de aldeia, uma mulher velha, sentada, fia na sua roca.

Assumpto simplissimo, mas tratado com uma consciencia e uma arte excepcionaes, esse quadro é sem duvida o melhor trabalho que o intelligente pintor tem produzido até agora.

A figura expressiva e energica, destaca-se agra-davelmente do fundo negro, em que se vêem espalhadas, aqui e alli, algumas alfaias agricolas.

A physionomia da mulher impressiona pela sua carnacção vigorosa e as roupas estão tratadas com uma fina observação da realidade.

Pois apesar de todas estas excellentes qualidades, o quadro, que vae muito além do palmo e meio usual e que apenas custava 100.000 réis, ficou por vender.

Não tem explicação este facto.

Mas que o laborioso artista não desanime. A sua obra hade ser vendida e por preço superior áquelle em que foi agora taxado. A questão, quanto a mim, é de tempo e... de ares.

Menos feliz foi Julio Costa no retrato, em meio corpo, do medico Pimenta. A modelação da physionomia é dura e se bem que haja similhaça, falta contudo essa individualisação que só o bom desenho póde dar.

Marques de Oliveira apresentou apenas duas obras em pintura: um quadro de genero e uma paisagem.

O primeiro tem por titulo «Graças a Deus». Um velho pescador, sentado em um banco, profere a oração usual, depois do magro repasto que compartilhou com a filha, que se vê sentada no chão, junto d'elle, com as mãos erguidas.

Quadro cheio de poesia, ha contudo no seu conjuncto, um não sei que que faz com que não impressione demasidamente bem ao primeiro relance. Será questão do fundo, extremamente branco e com o qual parece não se harmonisar o tom geral da figura sentada? Talvez.

E aliás essa figura está perfeitamente desenhada, bem caracterizado o typo do velho pescador e naturalissima a attitude.

Lindissima, porém, é a figura da rapariga. Magnifica expressão, belleza de contorno e uma solidez impeccavel n'esse personagem em que o sentimento rescende de todas as suas linhas.

Muito agradável tambem o estudo de paisagem (Vizella). Bom ar e perfeita interpretação d'aquella formosa natureza campestre.

Silva Porto expoz cinco quadros. Para nós, o mais notavel, é o que se intitula «Saloiás». Duas mulheres, cavalgando dois burros, seguem por uma estrada, sob as ardencias de um sol abraçador, do qual se abrigam debaixo de guarda-sóes.

Que formoso ar aquelle! Como se sente o sol dardando sobre o pavimento poierento da estrada e filtrando-se atravez do panno encarnado e azul dos guarda-sóes, cujas manchas põem a mais interessante nota no conjuncto da scena! Depois, que movimento e que alegria de tons, n'aquella claridade ampla do ar livre!

Outro quadro igualmente bom é a «Conducção de Cabrestos». Tres campinos do Ribatejo, a cavallo, acompanham uma porção de vaccas.

Perfeitamente movimentado o grupo, sente-se o andar pesado e somnolento dos animaes, o choutar compassado dos cavallos, aquella caracterisação, emfim, justa e bem sentida de um traço de vida campezina.

As paisagens «Porto de Caldellas» e «Logar da Penha», mas especialmente a primeira, são de todo o ponto recommendaveis pela sua belleza. Aquella, em que se patenteia um pedaço do Tejo, além de muito pittoresca, é de uma execução magistral.

Souza Pinto enviou uma collecção de pequenos quadros, todos elles de paisagens, á excepção de uma cabeça de velho, pintada com esse vigor e energia peculiares ao eximio artista.

Na paisagem nota-se sempre a justeza de colorido e o primor da factura que se assignalam nas obras d'este pintor. Os campos de trigo maduro, por entre os quaes se abre um carreiro pelo qual ás vezes caminha um personagem, são um dos assumptos predilectos do artista e que elle trata com uma delicadeza e verdade palpitante.

Dos quadros que exhibiu, notaremos, por exemplo, como os meliores, «Nos campos», «Caminho em Fecamp», «Crepusculo» e «Caminho em Brolles».

O irmão de Souza Pinto, Alberto Carlos de Souza Pinto, seguiu-lhe as pisadas, especialmente na maneira de pintar. As duas cabeças de estudo, que expoz, são apreciaveis e revelam pela sua

factura e desenho, não só sensiveis progressos no seu author, como os meliores indicios de uma auspiciosa vocação.

Antonio José da Costa dedicou-se d'esta vez ás flôres, apresentando uns dez quadros d'essa natureza e tres de paisagem.

Todos os quadros de flôres, em que se representam principalmente camelias e rosas, são pintadas com um vigor e um brilhantismo de cor que encantam, tendo o artista pôsto toda a sua competencia e toda a sua observação, na copia fiel d'essas adoraveis musas dos jardins.

O melhor quadro, porém, d'esse genero é o que se intitula «Gloximia». Soberbamente pintado, ha n'aquellas pequenas petalas uma suavidade de colorido e um avelludado tão sensivel, que o seu aspecto illude. Formoso pedaço de pintura, emfim.

Marques Guimarães tambem apresentou alguns quadros de flôres, camelias e lilazes, executadas com a consciencia com que este artista costuma tratar esse genero.

Como mancha, é muito interessante o «Estudo» representando um copo com agua sobre um fundo azul escuro.

(Continúa)

Manoel M. Rodrigues.

## A COMEDIA DA VIDA

### O ROMANCE D'UM AMANUENSE

#### XXI

As duas senhoras mesmo estateladas no meio da rua central do Passeio Publico, ao reconhecerem o Dominginhos no função que as atirara de cangalhas e que tambem fôra de ventas a terra, estenderam para elle mãos amigas, cheias de sympathia e vasias de rancor.

O Dominginhos apertou jubiloso essas mãos, pedindo humildemente desculpa da catastrophe que causara.

—O minhas senhoras! Eu peço-lhes mil perdões... mas não reparei em vossas excellencias.

—Essa é boa, sr. Dominginhos, disse graciosa a sr.<sup>a</sup> mais velha.

—Não nos fez mal nenhum, confirmou a mais nova.

E apertando ainda mais a mão do Dominginhos, acrescentou com muita ternura, em voz baixa, de modo que só elle ouvisse:

—Antes pelo contrario...

—Podem crêr, minhas senhoras, que eu não as vi e mesmo estava longe de esperar a felicidade, a dita, a ventura de as encontrar...

—Não esteja com mais coizas, Dominginhos, está desculpado. Ora essa! interrompeu amavel e maternal a velha.

—Mas eu ia cego pelo furor, a colera vendavame os olhos, continuou o Dominginhos sempre no chão.

—Ora espere! aquelle que ia a correr e que primeiro nos deitou ao chão...

—O que? aquelle tratante deitou V. Ex.<sup>ta</sup> ao chão? perguntou o Dominginhos.

—Sim senhor.

—Já tinham cahido?

—Já, é a segunda vez que fazemos esta viagem hoje, communicou alegremente a menina, mirando-se no Dominginhos, tão embebida na sua vista que até se esquecia de que estava sentada na rua do meio do Passeio Publico, servindo de pasto aos olhos espantados dos brasileiros que alli discutiam sentados nos bancos ao pé dos lagos, casos da rua do Ouvidor, e das amas-de-leite que namoravam soldados da municipal, e que cheios de curiosidade uns e outros se tinham acercado fazendo roda em torno d'aquelle extravagante grupo, que cavaqueava sentado no meio do chão, como se estivesse nos mais lófos *fauteuils* de uma sala.

—Que mariola aquelle! vociferou o Dominginhos indignado, ao saber que o Quim derrubara a sua gentil amada e a respectiva mamã, pois as duas senhoras bis-estateladas no Passeio Publico do Rocio n'aquelle dia nefasto, eram, nem mais nem menos do que a sr. Leitão e sua esguia e comprida filha, a menina Ignacinha, já tão nossa conhecida.

—Era o Quim Barradas, não era? perguntou a sr.<sup>a</sup> Leitão, podendo finalmente concluir a sua pergunta.

—O que, era elle? interrogou muito admirada a Ignacinha que o não conhecera.

—Era, era o sr. Quim, era aquelle biltre, aquelle tratante, aquelle miseravel! bradou o Dominginhos, erguendo ameaçador e terrivel o punho cerrado para a banda da cascata do Passeio.

—Mas então o sr. vinha a correr atraz d'elle? inquiriu a sr.<sup>a</sup> Leitão.

—Vinha...

—Para que? Tiveram alguma questão?

—Se tivemos alguma questão? perguntou o Dominginhos muito desapontado por não saber a mãe da sua namorada as luctas homericas em que elle Domingos Pereira se metteria denodado para vingar as faces d'aquella que um dia devia ser sua sogra, do atrevido osculo irrespeitoso do mano da Emilinhã.

—Então a mamã não sabe? disse a Ignacinha que andava em dia com a heroica illiada do seu namorado.

—V. Ex.<sup>a</sup> não leu os jornaes? perguntou o Dominginhos. Tenho os aqui, quer ver.

E muito expedito tirou da algibeira os numeros do *Jornal do Commercio* que traziam communicados referentes á sua pendencia d'honra e apresentou-os á sr.<sup>a</sup> Leitão.

—Logo, logo, disse ella. É melhor primeiro pômo-nos em pé; está muita gente já a olhar para nós; estamos dando espectáculo.

—Tem razão, minha senhora, ponhamo-nos em pé.

E muito agil o Dominginhos ergueu-se e estendeu as mãos ás duas damas.

A Ignacinha poz-se em pé tambem n'um momento, mas a mamã, a pezada sr.<sup>a</sup> Leitão é que foi mais difficil.

Foi preciso a Ignacinha unir as suas forças ás do Dominginhos e ainda assim, mesmo em collaboração, estiveram um bom bocado a puchar, a puchar sem que ella desse de si.

Por fim quando já desanimados estavam quasi dispostos a reclamar o auxilio d'alguns dos miros mais robustos, os dois fizeram um esforço supremo, e a sr.<sup>a</sup> Leitão lá veio para cima com grande gaudío dos espectadores que saudaram o caso com risadinhas mais ou menos encapotadas.

O Dominginhos que se sentia em maré de valentias esteve ainda para se zangar com algumas d'essas risadas e para tomar desforço condigno dos trocistas mais descarados, e limpando se da poeira relanceou olhares irados para a roda que os cercava.

A sr.<sup>a</sup> Leitão e a menina Ignacinha porém não consentiram; metteram-se entre elle e os sujeitos das risadas como a Senhora da Paz e tiraram da cabeça do filho do sr. Pereira a idéa da desafronta.

Elle insistio um bocadinho, o bastante para não parecer mal ceder, mas no fim cedeu, fingindo-se muito contrariado e fazendo vêr bem á Ignacinha o sacrificio enorme que fazia da sua coragem, não redusindo n'um abrir e fechar d'olhos a pó, aquella gente toda que se ria de os ver tão empoeirados.

—Deixe-se d'isso, então, Dominginhos, tenha juizo! reprehendeu docemente a sr.<sup>a</sup> Leitão.

—Então... peço-lhe eu, supplicou-lhe irresistivel a Ignacinha.

O Dominginhos então cedeu.

—Pois bem, seja, deixarei impunes essas risadas intempestivas, communicou elle. Vão para casa?

—Vamos.

—Acompanho-as até á porta do Passeio se me dão licença.

—Com todo o gosto, disse a sr.<sup>a</sup> Leitão.

—O melhor era acompanhar-nos até casa...

—E' quasi a mesma coisa, da porta do Passeio a nossa casa, ponderou a mamã.

—Com todo o gosto, a minha pena é morarem V. Ex.<sup>as</sup> tão perto.

—Crêdo! eu estou tão cansada se a casa fosse mais longe como havia eu d'ir lá para, tornou rindo a sr.<sup>a</sup> Leitão.

—Lá ao meu collo, com muito prazer, respondeu muito amavel o Dominginhos, acompanhando estas palavras d'um doce e significativo olhar a Ignacinha, como quem queria dizer que aquelle offerecimento era para ella e não para a mãe, e que é por causa dos santos que se beijam os altares.

Quando chegaram á porta do Passeio, encontraram uma multidão enorme em frente da casa da guarda para ver o Quim preso e commentando com varias versões a prisão d'aquelle janota.

O Quim estava lá dentro, como uma bicha, respondendo fulo ao interrogatorio estúpido e malcreído, que lhe fazia o cabo da guarda, com a insistencia impertinente com que interrogaria o mais perigoso dos gatunos.

Quería por força, o demonio do municipal, que o Quim lhe contasse toda a historia da sua vida, e que lhe puzesse para ali com todas as minucio-

sidades o motivo porque vinha assim a correr a toda a brida, n'aquella carreira desenfreada, vertiginosa, ciclónica, por assim dizer.

O Quim com vontade ou sem ella, sem ella evidentemente, contou-lhe a verdade toda a respeito de tudo, já se vê pintando as coisas a seu modo, e não escolhendo para si o mau papel, o papel ridiculo que decerto lhe pertencia.

Mas essa escolha obrigava-o a ter hesitações, contradições, e de momento a momento era interrompido pelo cabo da guarda, pelo seu interrogador, que lhe dizia muito boçal, muito atrevido.

—Olá amigo, tire o cavallo da chuva: para cá vem de carrinho. Diga a verdade, a verdade toda senão o peor é para você.

—O senhor, mas a verdade é isto que lhe estou dizendo.

—Não se faça tolo, Então imagina que eu nasci hontem?

—Mas, balbuciava o Quim muito contrariado e muito aborrecido, sem saber já o que havia de dizer.

—Não ha mas, nem meio mas... se não diz a verdade ainda lhe sae mais caro. Porque fugia você?

—Porque tive uma questão com um adversario.

—Qual adversario nem qual cantiga... diga já a verdade.

E o Quim debatia-se nas torturas d'este interrogatorio quando o Dominginhos acompanhando a sr.<sup>a</sup> Leitão e a menina Ignacinha chegava á porta do Passeio.

—O que vem a ser isto? perguntou a Ignacinha admirada. Tanta gente aqui!

—E' alguma prisão, disse a mãe.

—Ha de ser isso, confirmou o Dominginhos.

E ao passar deitou por curiosidade um olhar para a casa da guarda.

Não vio ninguem, mas viu em cima d'uma meza um chapéu que era muito seu conhecido, ou antes muito conhecido das suas *taboas de logarithmos*.

—Já sei o que é, disse elle.

—O que é?

—E' o Quim que está preso.

—O Quim? perguntaram ao mesmo tempo muito admiradas as duas senhoras.

—E' com certeza.

—Mas como soube o sr. isso?

—Porque aquelle chapéu é o d'elle.

—Estará preso por sua causa? perguntou a Ignacinha.

—Não sei, pode ser. Tem pena d'elle? interrogou o Dominginhos um pouco enxofrado com a pergunta.

—D'elle não, da pobre irmã, explicou logo a Ignacinha.

—Se quer vou ver se o solto, offereceu-se entre servical e ironico o Dominginhos.

—Ora adeus! deixe-se d'isso! A irmã é tão boa como elle, commentou com amarga philosophia a sr.<sup>a</sup> Leitão.

(Continua)

Gervasio Lobato

## OS MEUS LIVROS

### IV

(Continuado do n.º 408)

*Zuleika* é o pseudonymo que usa nas *Novidades* a sr.<sup>a</sup> D. Mencia Mousinho de Albuquerque como auctora de muitos contos ali publicados. Esta senhora enviou-nos um livrinho sob o titulo *O escravelho de ouro*, que encerra a traducção de alguns contos de Edgar Poë.

De Edgar Poë conhecemos traducções dos nossos amigos Lopes de Mendonça e Francisco de Almeida, e podemos confessar que é esmeradissima a traducção de D. Mencia Mousinho de Albuquerque.

Sob o pseudonymo de *Zuleika* publicou esta senhora nas *Novidades* os seguintes contos: *Episodio, Maria Bordadeira, O numero treze, Pepita, Saltimbanco, A Fornarina, As aventuras de Roduguna, A reparação, Branca, O casamento de Martha, Um crime tenebroso, Mára*.

De todo o trabalho litterario d'esta senhora, destacamos os contos *Maria Bordadeira* e *Mára*. Porque, se n'um vemos o talento da comprehensão dos factos e dos sentimentos, no ultimo vemos um estudo psicologico orientado nos processos mais modernos da sciencia litteraria.

A illustre escriptora, porque lemos com attenção todo o seu trabalho, felicitamol-a pelo seu talento, agradecendo a amabilidade da remessa das suas producções, e lamentando que a falta de espaço nos não permita uma larga critica.

Já aqui publicámos um bello artigo do nosso illustrado amigo Reis Damaso, sobre o notavel tribuno hespanhol Raphael Labra, por isso, sobre o estudo biographico de D. Antonio Sendras y Burin, intitulado *Don Rafael Maria de Labra*, pouco poderemos dizer.

A publicação de D. Antonio Sendras e Burin é precedida de uma magnifica gravura do notavel artista C. Uribani e occupa vinte e oito paginas (folio 4.º).

E', a par de um merecido elogio, este estudo biographico, um admiravel repositório da historia colonial contemporanea de Hespanha e que honra a penna que o traçou.

*Cravos e Malmequeres* é o titulo de um livro de versos com um conto em prosa de João José Jára. Eu tenho uma sincera admiração pelo talento d'este rapaz!

Tudo que elle produz é exclusivamente seu, não imita ninguem. Qualidade bem rara, hoje que todos andam atraz uns dos outros.

Já aqui fallámos de *Elisa Monternão* um livro que fez epocha, dando logar a que toda a imprensa se referisse a elle, e houve até um periodico que rompeu no excesso de publicar o retrato e a biographia de João Jára, seduzido pelo seu brilhante talento, e talvez pelo bello typo peninsular do auctor dos *Cravos e Malmequeres*.

Nos versos ha producções verdadeiramente encantadoras pela delicadeza e por uma graça muito portugueza, que não deve nada em fidalguia ao espirito francez. Ha versos dedicados aos seus amigos como a Bulhão Pato, Alberto Pimentel, Guilherme Ferreira, dr. Ferraz de Macedo, Alfredo Ribeiro, Vicente Ferreira Bravo, etc.

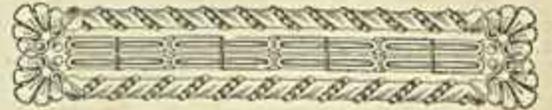
Até o simples nome que assigna estas linhas foi contemplado pelo auctor com uma encantadora poesia... E isto infelizmente inibe-me de dizer mais uma palavra sobre os *Cravos e Malmequeres*.

Apenas uma phrase mais das consagradas a todas as publicações: — Está á venda em todas as livrarias e custa apenas 200 réis.

No proximo artigo fallaremos de um dos nossos maiores poetas, senão o mais audaz e de maior talento, referimo-nos como já se previa á monumental *Troça á Inglaterra* por Gomes Leal.

(Continua)

Manoel Barradas.



## NOVIDADES DA SCIENCIA

**DIAPASÃO EM VIBRAÇÃO.**—Sabe-se que o mais pequeno peso actuando sobre um dos ramos de um *diapasão* basta para lhe alterar o timbre e a altura. As peças de contacto metalicas dispostas sobre o *diapasão* alimentado electricamente apresentam um inconveniente que Mr. Appleyard, faz desaparecer ficando o *diapasão* inteiramente livre.

Para esse fim dispõe-se sobre a caixa do *ressoador*, sobre a qual o *diapasão* está montado, um pequeno microphono que vibra synchronicamente com elle e faz variar tambem synchronicamente a corrente que atravessa o electro-iman.

Este microphono é constituído por dois blocos de carvão, de secção triangular, solidamente fixados sobre o *ressoador*, e de um terceiro de secção quadrada assentando sobre dois outros, mas perfeitamente equilibrado de maneira a não exercer senão uma ligeira pressão sobre um d'esses pontos de apoio.

O mesmo microphono póde servir para sustentar as vibrações de *diapasões* de diversas alturas.

O *diapasão* normal, sobre o qual se afinam todos os instrumentos, dá 870 vibrações por segundo.

**A PHOTOGRAPHIA Á LUZ DO MAGNESIUM.**—É conhecida ha cerca de trinta annos mas achase reservada para raras experiencias. Ultimamente tem-se feito muito uso d'ella, graças á descoberta da *luz-relampago* do magnésium que resolveu o problema da photographia instantanea á luz artificial.

A photographia nocturna não constitue sómente

um passatempo interessante para os amadores, mas presta-se também a immensas applicações scientificas.

**VASOS DE PAPEL COMPRIMIDO PARA FLORES.**—O papel comprimido encontra de dia para dia novas applicações. Emprega-se na construcção dos *railles*, das rodas dos wagons, para fabricar toneis, cascos de embarcações, etc.

Agora um inventor M. Poumorel, imaginou fazer com aquella materia vasos para flores. Effectivamente estes vasos são mais leves que os de barro e não são susceptíveis de se quebrarem. A compressão levada a um grau conveniente dá ao papel comprimido a dureza do ferro.

Estes vasos são além d'isso, impermeáveis e hydrofugos e por conseguinte imputrescíveis. D'elles se podem fazer vasos de luxo para adornos de salas, revestidos d'uma camada de esmalte e de desenhos artisticos coloridos ou em alto relevo.

As industrias marcham!

**MEIO DE IMPEDIR QUE O AZEITE CRIE RANÇO.**—É um processo muito simples e muito barato. Vem a sua indicação no *Cosmos*.

Sabe-se que não só o azeite, mas todos os oleos criam depressa ranço perdendo assim metade da sua boa qualidade e de preço.

Convem pois, quem quizer conservar bom azeite, engarral-o em garrafas bem seccas e depois de as ter cheias até ao gargalo deitar em cada uma d'ellas cerca de cinco centímetros de boa aguardente de maneira que a garrafa fique inteiramente cheia. Em seguida rola-se esta com cuidado e cobre-se a rolha com um bocado de bexiga ou pergaminho.

A agua-ardente sendo mais leve que o oleo impede o ar exterior de entrar e oxygenal-o, isto é, de o fazer rançoso. O oleo ou azeite conserva-se assim muito tempo.

As bilhas de barro (grés) são preferíveis ás garrafas para guardar azeite.

As garrafas de vidro muito escuro são melhores do que as de vidro claro, pela razão que a luz do dia tem uma influencia nociva sobre os productos a conservar, devendo assim evitar-se que ella passe atravez o vidro. O vidro azul ferrete é o melhor para conservar os liquidos.

As bilhas ou garrafas deverão ser collocadas de pé, dentro d'uma adega fresca, secca e escura.

S. P.



## REVISTA POLITICA

Acha-se emfim constituída a camara dos deputados e, portanto, encetados os trabalhos legislativos que, d'esta vez principiaram pela apresentação do orçamento, o que não quer dizer que elle se discuta já, porque provavelmente seguirá a marcha dos seus antecedentes, discutindo-se ao fechar das portas, quando o calor do estio offerece o braço aos srs. deputados e aos srs. ministros para as vegiliaturas campesinas.

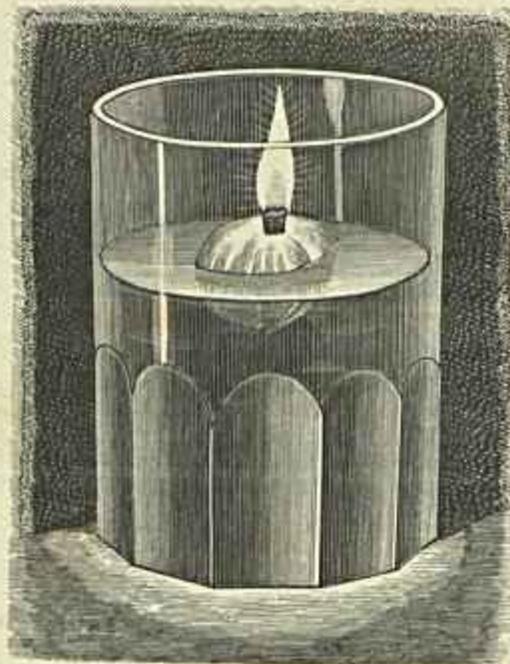
Na verdade quando o barometro sobe e o suor desce pelas faces placidas dos legisladores, é impossivel augmentar o calor das discussões sobre se deve ou não matar-se o deficit e equilibrar-se a despesa com a receita: Bagatelas, ninharias, que nada valem, nem mesmo uma baga de suor, apesar de se tratar do suor do povo.

Pois d'esta vez o tal deficit apresenta-se logo á entrada da porta com uma franqueza e desassombro desusado, pelo que não queremos mal nenhum ao sr. ministro da fazenda, porque lá diz o dictado, «mais vale um desengano a tempo do que andar toda a vida enganado».

Effectivamente isto do deficit tem sido «um engano d'alma ledo e cego» mas que por infelicidade tem durado muito, exactamente o contrario d'aquelle engano do poeta que durava pouco.

O deficit do orçamento ordinario apresentado pelo sr. ministro da fazenda é de 3.407.029.000 réis para matar o qual, o mesmo sr. ministro declarou que apresentaria as propostas de lei necessarias, dizendo no seu relatório: «Para que este excesso de encargos, no orçamento ordinario do futuro exercicio, seja completamente coberto com recursos também ordinarios do thesoiro, apresentar-vos-hei, dentro em pouco, as propostas de lei que, a meu vêr, bastam para chegarmos a esse resultado».

Ora isto, que á primeira vista, poderá parecer simplissimo, não nos parece que na pratica o seja, porque sem ser preciso recuar-mos muito, nós



LAMPARINA DE CASTANHA DA INDIA

vêmos que ha vinte annos as receitas ordinarias do thesoiro orçavam por vinte mil contos e então nós lamentavamos que essas receitas não fossem maiores para matar o deficit, que já então asoberbava o Estado, e hoje que as receitas duplicaram, continúa o maldito deficit a preseguir o thesoiro, zombando de todos os esforços para dar cabo d'elle.

Isto só prova uma coisa, é que á medida que as receitas tem augmentado, tem augmentado também as despesas, e seguindo estes processos de administração publica, é certo que nunca o orçamento se equilibrará por mais impostos que se augmentem.

Bem sabemos que a boa economia se oppõe em certos casos a este argumento, partindo do principio, para lucrar é preciso dispendir, mas é preciso que se dispenda para lucrar, e a prova que não se tem dispendido para lucrar é que ao cabo de tantos annos a receita nem sequer se equilibra com a despesa.

De bom grado o paiz faria todos os sacrificios para vêr a sua administração equilibrada e desafogada. Tem feito muitos, difficilmente pôde fazer mais, e se não chegar uma occasião em que se faça ponto nas despesas, limitando-as ás receitas que houver e só augmentar aquellas quando augmentarem estas, não desejaríamos assistir aos ultimos momentos de tal administração.

Parece-nos que é tempo de regular as despesas pelas receitas e não regular estas por aquellas, e se o novo ministro da fazenda conseguisse isto, poderia estar certo que seria o portuguez mais benemerito que este paiz da larangeira tem produzido nos tempos modernos.

E aquelles que taxarem de velhas estas theorias diremos que mais velho do que ellas é o Sol e nem por isso deixou ainda de ser fecundo.

Com a apresentação do orçamento ás camaras, appareceram também as perguntas da opposição ao governo sobre o estado da questão ingleza.

Essas perguntas foram principalmente feitas pelo sr. Emygdio Navarro, muito correctamente, visando sobre tudo a saber se o governo inglez accitou qualquer negociação sobre a base da revogação do *ultimatum*, ou o considerou como facto consummado?

A resposta do sr. ministro dos estrangeiros foi correcta e franca, impressionando bem a camara.

O sr. Hintze Ribeiro declarou que a Inglaterra accitou as negociações sobre o *ultimatum* e que estando essas negociações pendentes, seria prejudicial agora qualquer discussão sobre este ponto nas camaras.

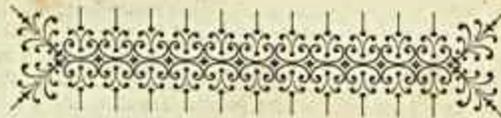
«Tomo sobre mim, disse o sr. Hintze Ribeiro, inteira e completa responsabilidade da minha declaração, para o facto de não se discutir desde já, e deixo á camara inteira a completa responsabilidade de qualquer discussão que a camara entender levantar.»

«Ha, porem, um compromisso que eu tomo desde já para com a camara, que é o seguinte: a

razão porque eu declaro isto é porque tenho fundadas esperanças de que dentro em breve nós chegaremos a um resultado honroso e satisfatorio. O compromisso é que se essa esperanza se mallogra eu verei immediatamente dar conta á camara dos meus actos e trazer todos os documentos para que a camara os possa apreciar.»

Eis o que se passou no sanctuario das leis n'esta ultima dezena, e agora aguardamos a resposta ao discurso da corôa, que se annuncia para breve.

João Verdades.



## RESENHA NOTICIOSA

**RECITA EM HONRA DE VICTOR CORDON NO THEATRO DA ALEGRIA.**—A empresa do theatro da Alegria offereceu, em a noite de 27 do mez findo uma recita ao benemerito africanista Victor Cordon, tendo também offerecido uma outra recita a Serpa Pinto, em que lhe foi entregue uma espada de honra comprada com o producto d'um espectáculo n'aquelle theatro.

Foram duas noites de festas extremamente sympathicas pelo sentimento patriótico que as inspirou e que muito honra a empresa do theatro que as realisou.

Agradecemos o convite que tivemos para a recita em honra de Victor Cordon, no elegante theatro popular.

**D. MANOEL DE SOUZA COUTINHO.**—Falleceu no dia 28 do mez findo, no palacio dos srs. duques de Palmella na rua da Escola Polytechnica, o sr. D. Manoel de Souza Coutinho, general de brigada reformado.

D. Manoel de Souza Coutinho descendia d'uma das mais illustres familias portuguezas e francezas. Filho do marquez de Santa Iria, sua mãe pertencia a uma das familias mais nobres da Franca. O marquez de Santa Iria foi mordomo-mór de D. Maria II, quando a joven princeza expatriada, se refugiou em Londres. O nobre fidalgo sacrificou-se á causa liberal e com elle seus filhos o conde de Alva que morreu nos campos de batalha e D. Manoel que falleceu agora, tendo combatido pela liberdade, desde a ilha Terceira até ao fim das campanhas.

D. Manoel não foi só um militar valente, foi um homem espirituoso, conversador illustrado e um dos mais assiduos frequentadores de S. Carlos, tendo a maior paixão pela musica, e sendo um grande admirador dos artistas cujo trato estimava.

O sr. D. Manoel de Souza Coutinho era irmão das srs. condessas de Souza Coutinho e de Murça, que foram camareiras da rainha D. Maria II e tio dos srs. duques de Palmella.

Os nossos pe.ames a sua illustre familia.



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Protesto da Associação de Logistas de Lisboa,** dirigido ao commercio portuguez contra o insolito ultimatum que o governo de Inglaterra enviou ao de Portugal, em 11 de janeiro de 1890.

**O Patriota,** numero unico a beneficio da subscrição nacional. Funchal 14 de fevereiro de 1890. Esta publicação principia por uma *Homenagem a Serpa Pinto*. Varios artigos adquidos completam as suas quatro paginas impressas a tinta azul.

**Contos ao luar** por Julio Cesar Machado. Collecção Antonio Maria Pereira, editor. Lisboa. É uma 4.ª edição a que acaba de ser publicada d'este delicioso livro, em que o infeliz Julio Cesar Machado principiou a afirmar o seu talento.

**Dosimetria,** revista mensal de medicina dosimetrica baseada na physiologia e experimentação clinica segundo o methodo do dr. Burggraeve, etc. Director proprietario, José Bernardo Birra, etc. Porto.

Typ. e lith. de Adolpho, Modesto & C.  
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43